

# O que vê o poder

Quando menino, Cláudio Rocha transformou em brinquedo a paisagem da capital. Hoje, do alto do prédio presidencial, lamenta que as crianças não estejam mais se apropriando de sua cidade

» LARISSA LEITE

O historiador Cláudio Soares Rocha ainda guarda o telegrama que a mãe recebeu de Juscelino Kubitschek, em 1960, em agradecimento aos cumprimentos pela inauguração da nova capital. “Ela queria vir para a cerimônia, mas enjoava. Estava grávida de mim. O jeito foi enviar uma carta para o então presidente”, conta ele, diretor de Documentação Histórica da Presidência da República e coordenador da Comissão de Curadoria do Palácio do Planalto. Atualmente, é Cláudio o responsável por receber as cartas enviadas para a presidente Dilma Rousseff e comandar uma equipe de mais de 20 pessoas que as respondem e encaminham.

Os cuidados com a correspondência, o acervo e a curadoria da Presidência começaram a fazer parte da vida de Cláudio em 1988, quando ingressou para a equipe de documentação. A relação do historiador com a sede do poder, no entanto, começou bem antes. Uma de suas primeiras lembranças conta com um registro: na fotografia de família, estão ele, os pais, dois irmãos, uma empregada e um motorista na parte superior do Congresso Nacional, quando ainda era possível subir até lá.

Na ocasião, Cláudio tinha 2 anos e acabava de chegar a Brasília, trazido de Catalão, cidade goiana a 320km do Distrito Federal. O pai do historiador montou um comércio na capital antes mesmo da inauguração: o Frigorífico Santa Terezinha, que ficava na 513 Sul.

Daniel Ferreira/CB/D.A Press



“Não tínhamos vista a olho nu para o lado de fora, nem para a rampa presidencial, não víamos nada. Agora, a vista foi democratizada. É linda”

Muito se diz sobre a intensidade dos ventos que tomavam a capital quando as barreiras de concreto ainda eram poucas. Pois até a ventania era motivo de alegria na infância de Cláudio: “A cidade tinha muitos redemoinhos. A gente achava graça de simplesmente entrar ali e sair todo sujo de poeira”, conta. A interação com a cidade continuou durante a juventude e a maturidade do diretor.

Hoje, olhando para o imenso painel de vidro do 4º andar do Palácio do Planalto, que oferece uma vista livre para a Praça dos Três Poderes, o historiador diz: “Sinto a praça vazia. Vazia de povo, de brasileiros independentes, de protesto. Já brinquei muito na praça. Hoje não existe isso. O adensamento deteriorou o projeto da nova capital e as pessoas começam a ter medo de sair na rua.”

A presença de manifestantes na Praça dos Três Poderes, no entanto, também é sinal da democracia madura presente no país, refletida em mudanças observadas dentro do próprio Palácio do Planalto, onde Cláudio tem um escritório instalado desde o governo do ex-presidente Fernando Collor de Melo. A enorme vista pública do quarto andar, por exemplo, só foi

concebida com a primeira reforma do Palácio, concluída em agosto do ano passado, após um ano e seis meses.

“Não tínhamos vista a olho nu para o lado de fora, nem para a rampa presidencial, não víamos nada. Agora, a vista foi democratizada. É linda”, resume o historiador, lembrando que a visão para a praça era possibilitada apenas para quem

ocupasse alguns gabinetes. “No governo Sarney, a estrutura e as relações no Palácio do Planalto ainda eram muito militares. Todo o quarto andar era ocupado por gabinetes desse tipo”, completa. Atualmente, estão instalados ali a Casa Civil, a Secretaria de Relações Institucionais, a Secretaria-Geral e as salas de reuniões — acessadas por meio de um largo pátio.

Carlos Silva/CB/D.A Press



## JANELA DA CASA DE CHÁ

A recepcionista Irene Mota, 31 anos, chegou a passeio, encantou-se e não conseguiu mais sair. Há 17 anos na cidade, ela não se cansa de exclamar: “Brasília é linda!”. Para a moradora do Gama, a cidade tem violência sim, e a política conduzida na capital sofre com uma corrupção que ninguém pode nem deve esconder. “Mas a tranquilidade daqui é maior do que em outros lugares, e acredito que providências estão sendo tomadas para melhorar.” Outro sorriso. E uma disponibilidade enorme para conduzir quem quer que seja por um passeio dos sonhos.

No discurso, as impressões da mineira de Januária e o dever da funcionária do Centro de Atendimento ao Turista (CAT) — vinculado à Secretaria de Turismo do Distrito Federal — se misturam. Irene trabalha das 11h às 17h no CAT instalado na antiga Casa de Chá, obra de Oscar Niemeyer na Praça dos Três Poderes. Do local, que já ficou fechado por mais de 20 anos, a vista alcança o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto, o Supremo Tribunal Federal. O centro fica

pouco abaixo do nível da praça, mas com janelas que permitem observar os edifícios. Para bem receber o turista, a recepcionista assume a responsabilidade de guia e lança mão de vídeos, mapas e guias.

Em Brasília, existem três centros de atendimento. Os outros dois ficam no aeroporto e na nova rodoviária. Para os três centros, existem quatro funcionários, que prestam serviço por meio de uma contratação feita pela extinta Brasiliatur. A diretora de Serviços de Atendimento ao Turista da Setur, Eliane de Sá, espera contratar mais pessoas no prazo de quatro meses, por meio de uma nova licitação já requisitada na pasta. “O objetivo é que cada CAT conte com um profissional bilíngue e, de preferência, guia de turismo”, afirma Eliane.

Enquanto o governo se debruça e se explica sobre as deficiências do serviço turístico da capital federal, Irene se esforça para atender quem a procura da melhor forma possível. A recepcionista declama como poeta a satisfação em trabalhar revelando a cidade mais bonita que ela já viu: “Fico imaginando que há 51 anos isso era só mato. E em pouco tempo, construíram essa belíssima cidade. Eu agradeço a Deus por morar neste lugar tão lindo...”

## JANELA DO TEATRO NACIONAL

Não é fácil encontrar janelas no Teatro Nacional. Entretanto, a majestosa pirâmide não foi desenhada sem ponta à toa. Para chegar à melhor vista, no ponto mais alto do teatro, é preciso pulmão de atleta e nenhum grau de claustrofobia. Ficava lá o Espaço Cultural Dercy Gonçalves, criado em 2000 e que funcionou por pouco tempo.

O acesso ao topo do prédio se faz por meio de 10 lances de uma escada estreita, já que os elevadores estão interditados. O local de 840 m<sup>2</sup> é sujo e não pode ser reformado, segundo a Secretaria de Cultura do Distrito Federal, por conta do embargo feito pela Fundação Niemeyer.

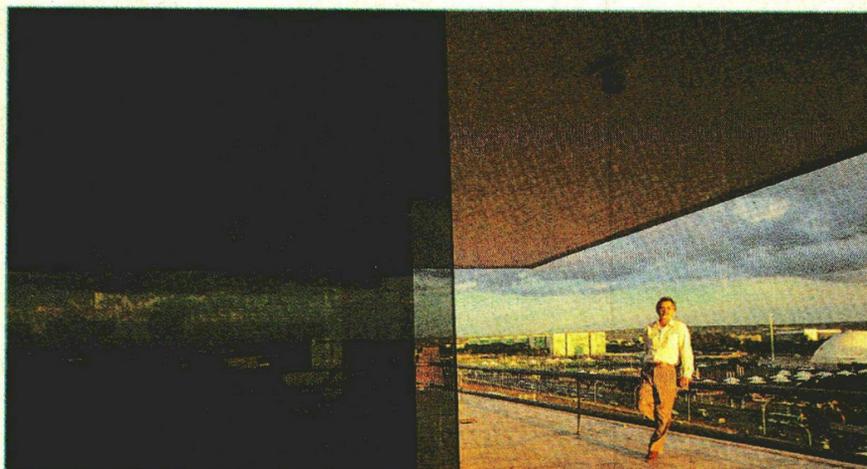
Porém, quando a subida acaba e os olhos têm noção do que é possível enxergar, qualquer detalhe desagradável perde força. Das janelas, Brasília se mostra em todos os ângulos possíveis: Esplanada dos Ministérios, Rodoviária do Plano Piloto, Eixo Monumental, Ponte JK, carros e centenas — senão milhares — de pessoas, em uma dinâmica que,

caótica e bela, revela como a cidade se transformou ao longo de 51 anos.

“As janelas do Teatro Nacional refletem as grandezas e contradições de Brasília”, afirma o secretário de cultura do Distrito Federal, Hamilton Pereira. Ele menciona como exemplo dessa dualidade o conjunto arquitetônico da Esplanada, quebrado em sua harmonia pelo Espaço do Touring, obra de Oscar Niemeyer que, até hoje, está sem utilização.

“Depois, temos a Rodoviária do Plano Piloto, que é a síntese dos sonhos mais imediatos e múltiplos daqueles que vivem aqui.” O secretário acredita que é impossível analisar Brasília sem misturar as pessoas ao concreto. Nascida na aridez do Centro-Oeste, a cidade não pode se dissociar da sua arquitetura da mesma forma que do seu povo.

“A partir de agora é preciso reabrir as janelas para ver como a cidade realmente é. Ela não é fria, mas um espelho da cara do Brasil”, garante Pereira. crê que a beleza da arquitetura já clama por revitalização, em um processo que representaria a volta aos cuidados básicos com todo o Distrito Federal. “A valorização do patrimônio de Brasília vai garantir uma maior valorização do patrimônio de todo o país.”



Carlos Silva/CB/D.A Press